

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG (COM EDUARDA ESPOSITO)
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Reforma sensível I

A reforma da carreira de diplomata tem enfrentado resistência na diplomacia brasileira. Mesmo que o lema da profissão seja de renovação, nem todos os servidores estão de acordo com as mudanças que estão sendo discutidas. Um ponto nevrálgico é a ideia de uma possível aposentadoria compulsória, que incomoda quem está no topo da pirâmide, embora fontes ligadas aos diplomatas afirmem as diretrizes do Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI) boas, mesmo sem compreender as especificidades da carreira.

Reforma sensível II

A discussão deve acabar ainda em junho deste ano, para envio do projeto ao Congresso Nacional. Até lá, a classe tentará propor uma aposentadoria para que diplomatas em cargos menores possam crescer na carreira. Atualmente, só há esse crescimento quando uma vaga no topo é liberada. Além disso, querem prever a promoção para Ministro de Primeira Classe com 25 anos, atualmente, alguns conseguem ascender na carreira apenas após 30 anos na diplomacia, caso haja vaga. Senão, nem com os requisitos necessários há a ascensão.

O imbróglio da semana

Com o projeto da anistia em suspenso, a oposição volta suas baterias para a CPI do INSS, rebatizada de “CPI do roubo dos aposentados” e mirando o ministro da Previdência, Carlos Lupi. A ordem interna no PL é chamar o ministro para o ringue, espalhando pedidos de convocação dele por várias comissões na Câmara.

Fatos & versões

O outro ponto que a oposição vai se apegar é comparar a prisão de Fernando Collor à de Lula lá atrás. O governo, pressentindo o que vem por aí, a ministra de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, respondeu que, caso de Collor, as provas são fartas. No de Lula, não houve sequer um centavo na conta.

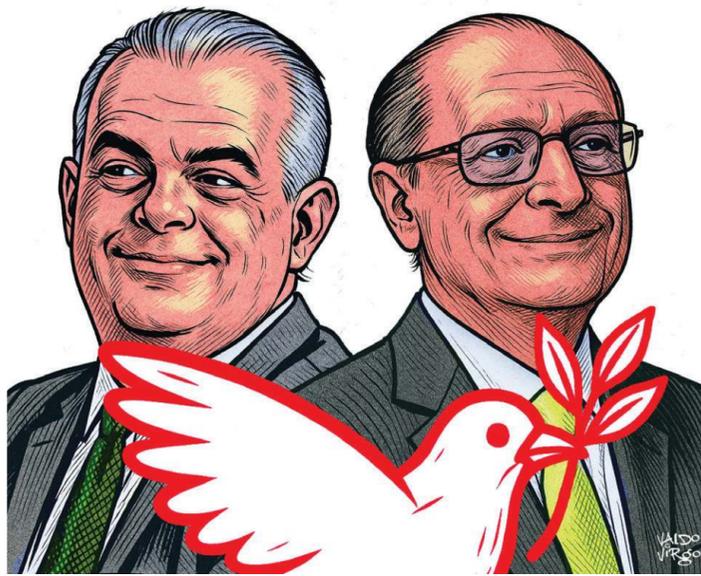
Por falar em Collor...

Os políticos passaram o sábado fazendo previsões sobre quanto tempo o ex-presidente Fernando Collor ficará preso. Tem gente apostando garrafas de vinho Brasil afóra.

O recado do PSB e do MDB

Ao anunciar o nome do ministro do Empreendedorismo, Márcio França, como o candidato que o partido oferecerá para concorrer ao governo de São Paulo, os socialistas deixam claro ao Planalto que o vice-presidente Geraldo Alckmin é naturalmente o parceiro de chapa do presidente Lula para a reeleição. Uma troca não será bem recebida, ainda mais

em se tratando de um partido fiel a Lula em todos os seus governos, inclusive, num dos momentos mais difíceis, pós-mensalão, em 2005, quando o petista contou com o PSB, o PCdoB e o MDB liderado por Eunício Oliveira, na Câmara, e com Renan Calheiros na presidência do Senado, ajudaram Lula a manter as rédeas do poder no Congresso.



Desta vez, o mesmo MDB que, no passado, deu governabilidade a Lula tem se apresentado para ocupar a vaga de vice na chapa de 2026. Em conversa com empresários na Casa ParlaMento antes de embarcar para Roma na comitiva que acompanhou Lula aos funerais do papa Francisco, Renan citou Lula como favorito para a eleição do ano que vem. Muitos

políticos ouviram a fala de Renan como um sinal de que está pronto para ajudar o presidente na campanha para reeleição. O MDB tem hoje dois nomes para a vaga de vice, o ministro dos Transportes, Renan Filho; e o governador do Pará, Helder Barbalho. Só tem um probleminha, alertam os socialistas: o MDB já traiu o PT no passado. O PSB sempre foi leal.

CURTIDAS

Federação.../ O presidente do Progressistas, Ciro Nogueira, está com tudo pronto para selar a federação com o União Brasil nesta terça-feira. A presidência, que Arthur Lira reivindicava, não lhe será entregue, conforme adiantou esta coluna.

... Pressão/ Ao mesmo tempo em que os dois partidos se entendem, crescem as pressões para um afastamento do governo. Na bancada do União, o que mais se ouve é que chegou “a hora de dar tchau” a Lula.



A vida mudou.../ As imagens do velório do papa Francisco contrastam com aquela de 2005, quando, nos funerais do Papa João Paulo II, o presidente Lula seguiu acompanhado de quase todos os antecessores (foto), exceto Fernando Collor.

... e muito/ Ontem, apenas Dilma Rousseff. No dia do embarque, José Sarney recebia uma homenagem no Maranhão, pelo seu aniversário 95 anos. Michel Temer, chamado de golpista pelo PT, não foi convidado. Jair Bolsonaro, internado, muito menos. E nem aceitaria um convite. Fernando Henrique Cardoso está doente e Itamar já faleceu. Esses dois últimos aconselharam e muito Lula em seus primeiros mandatos. Agora, Lula está mais só. (leia mais no Blog da Denise, no site do **Correio**).

Há esperança/ A conversa entre o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, é um gesto em prol de uma trégua e uma luz ao processo de paz. Outro momento registrado pelos diplomatas brasileiros foi o aperto de mão entre o francês Emmanuel Macron e Trump na hora de desejar a “paz de Cristo”.

o papa de todas as fés

LULA ELOGIA PAPA E PEDE paz

APÓS O FUNERAL DO **PONTÍFICE**, PRESIDENTE BRASILEIRO DESEJOU A CONTINUIDADE DO TRABALHO DE FRANCISCO COM O **FUTURO SUCESSOR**. ALÉM DISSO, PETISTA REFORÇOU QUE OS LÍDERES MUNDIAIS PRECISAM ENCONTRAR SOLUÇÕES PACÍFICAS PARA AS **GUERRAS NA UCRÂNIA** E NA **FAIXA DE GAZA**

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) participou, ontem, do funeral do papa Francisco, em Roma, ao lado dos 50 chefes de Estado e 10 monarcas que assistiram à missa exequial de dentro da Basílica de São Pedro, no Vaticano. Após a cerimônia, o chefe do Executivo lamentou a perda do pontífice e destacou o grande coração do papa.

O petista elogiou o líder religioso e desejou que o próximo papa continue o trabalho de Francisco. Ele também voltou a

defender que os líderes mundiais trabalhem pelo fim das guerras em andamento, como a da Rússia contra a Ucrânia e a de Israel versus o grupo terrorista Hamas, na Faixa de Gaza, um dos últimos desejos do sumo sacerdote.

“Nós perdemos o líder religioso mais importante deste primeiro quarto de século XXI. O papa Francisco não era apenas um papa, era uma emoção, era um coração, um líder político. Ele se preocupava não apenas com a espiritualidade das pessoas, mas se preocupava com a guerra da Ucrânia, com a guerra de Gaza, com a

fome, com as coisas que afligem o povo do mundo inteiro”, disse Lula aos jornalistas, pouco antes de embarcar no avião presidencial de volta a Brasília. E acrescentou: “Nossa vinda aqui é um agradecimento, um agradecimento a Deus, sabe, que permitiu que a gente pudesse acompanhar a partida de um dos homens que marcou história neste século XXI.”

Questionado sobre a conversa entre os presidentes dos Estados Unidos, Donald Trump, e da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, no Vaticano, Lula respondeu que não sabia o teor da conversa, mas

defendeu que é preciso discutir uma solução pacífica para a guerra com a Rússia, ouvindo todos os lados envolvidos. “Ninguém consegue explicar e ninguém quer falar em paz. E o Brasil continua teimando que a solução é a gente fazer com que os dois se sentem na mesa de negociação e encontrem uma solução, não só para Ucrânia e para a Rússia, mas também para a violência que Israel comete contra a Faixa de Gaza”, afirmou.

O chefe do Executivo agradeceu aos ministros e aos chefes dos demais Poderes que o acompanharam a Roma, a convite do

Palácio do Planalto: os presidentes do Senado, Davi Alcolumbre (União-PA), da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), e do Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso, representando, com Lula, os Três Poderes. Também integraram a comitiva os ministros Mauro Vieira (Relações Exteriores), Ricardo Lewandowski (Justiça e Segurança Pública), Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário) e Macaé Evaristo (Direitos Humanos), além do assessor especial da Presidência para assuntos internacionais, embaixador Celso

Amorim, e a primeira-dama, Rosângela da Silva.

A ex-presidente da República Dilma Rousseff, atual presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), o “Banco do Brics”, também esteve no funeral de Francisco, mas viajou por conta própria — ela mora em Xangai, China, onde fica a sede da instituição financeira. “Quisera Deus que o próximo papa fosse igual a ele, com o mesmo coração dele, com os mesmos compromissos religiosos dele, com os mesmos compromissos com o combate à desigualdade”, afirmou.

CARDEAIS BRASILEIROS SE PREPARAM PARA O *conclave*

Arquidiocese de Brasília



Oito cardeais brasileiros estão no Vaticano para acompanhar o funeral do papa Francisco, que ocorreu ontem, e participar do conclave que definirá o próximo líder da Igreja Católica.

Atualmente, sete cardeais brasileiros podem votar no conclave. O oitavo integrante da comitiva, o arcebispo emérito de Aparecida, Dom Raymundo Damasceno Assis, pode acompanhar as discussões do Colégio dos Cardeais e até ser eleito papa, mas não está apto a votar por ter 88 anos — membros com mais de 80 anos não podem votar.

Na manhã deste sábado, a Arquidiocese de Brasília publicou uma imagem com sete cardeais brasileiros em Roma. Na foto, estão (da esquerda para a direita) dom Paulo Cezar Costa (Arquidiocese de Brasília), dom Leonardo Steiner (de Manaus), dom Odilo Pedro Scherer (de São Paulo), dom Jaime Spengler (de Porto Alegre), dom Raymundo Damasceno (de Aparecida-SP), dom Sérgio da Rocha (de Salvador), e dom Orani João Tempesta (do Rio de Janeiro). Além deles, o cardeal João Braz de Aviz, que tem cargo no

Vaticano, participará do conclave.

Na cerimônia, os cardeais devem se reunir no Vaticano entre o 15º e o 20º dia após a morte do papa, onde ficam em acomodações especiais enquanto as eleições ocorrem.

Tecnicamente, qualquer homem católico romano pode ser eleito papa. Mas, desde 1379, todo papa é selecionado do Colégio de Cardeais, o grupo que vota no conclave. Para ser eleito, um cardeal precisa receber apoio de dois terços dos cardeais-eleitores — e a votação continua até que isso seja alcançado.